

# COMO SE PRODUZ UM PSICANALISTA HOJE?

**Christian Hoffmann**



Instituto  
Langage

1ª edição · 2019  
São Paulo

Impresso no Brasil

Copyright © da 1ª Edição, 2019, Instituto Langage

*Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais.*

### **EDITORES**

Erika Parlato-Oliveira  
Sergio Lopes de Oliveira

### **EDITOR TÉCNICO**

Celso Riquena

### **CONSELHO EDITORIAL**

Christian Ingo Lenz Dunker  
Christian Hoffmann  
Erika Parlato-Oliveira  
Michèle Benhaim  
Yorgos Dimitriadis

### **PROJETO GRÁFICO**

Thiago Pagin

### **CAPA**

Thiago Pagin

### **TRADUÇÃO**

Roberta Maria Pereira Da Prata

### **REVISÃO**

Andrea Lauermann

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

C675h Hoffmann, Christian / Como se produz um psicanalista hoje? – São Paulo: Instituto Langage, 2019.

ISBN 978-85-62686-35-1

1. Psicanálise 2. Clínica psicanalítica 3. Pesquisa 4. Epistemologia

CDD 150 CDU 159.9

---

### **INSTITUTO LANGAGE**

Alameda Santos, 1398 - conj. 67 - São Paulo, SP  
Telefone: (11) 3473 5458

[www.institutolangage.com.br](http://www.institutolangage.com.br)

[institutolangage@institutolangage.com.br](mailto:institutolangage@institutolangage.com.br)

[facebook.com/Instituto-Langage](https://facebook.com/Instituto-Langage)



<b>Introdução</b>	7
<b>A análise terapêutica</b>	17
<b>A prática analítica nos últimos seminários de Lacan</b>	29
<b>Se autorizar psicanalista</b>	41
<b>Psicanálise e psiquiatria atual</b>	51
<b>O nome-do-pai na análise e as subjetividades contemporâneas</b>	63
<b>O que nos ensina a histeria hoje?</b>	71
<b>Certos casos: nem neuróticos nem abertamente psicóticos</b>	81



# **INTRODUÇÃO**

No seu discurso à Academia Sueca, Patrick Modiano<sup>1</sup> diz algumas verdades que nos interessaram.

Mesmo se o escritor participa de seu tempo, um tempo que se acelera no nosso mundo contemporâneo, ele pode ficar ligado à sua época e não escapar dela, porque este é o único ar que ele respira, isso é o que chamamos “ar do tempo”, mas ele escreve, contudo, sempre alguma coisa atemporal. O que pode ser traduzido pelo fato que nós compreendemos melhor a obra de um autor somente após a sua morte. Eu penso a Joyce, por exemplo.

---

1. P. Modiano, *Discours à l'Académie suédoise*, Gallimard, 2014.

Qual é o trabalho do escritor em relação ao seu tempo? Manter-se a uma distância exata da vida de sua época ou ele pode mergulhar nela e penetrá-la na sua profundidade para nos revelar a realidade da época, através da ficção? Hugo Hoffmansthal assinalava que a tarefa do escritor era encontrar a metáfora de sua época.

Lacan nos diz a mesma coisa, quando ele supõe o analista que se engaja na sua prática, de poder “encontrar no seu horizonte a subjetividade de sua época”, para bem conhecer “a obra continuada de Babel”, sabendo “sua função de intérprete na desordem das línguas”<sup>2</sup>.

O “término” de uma análise era, para Lacan, aquele “onde a satisfação do sujeito encontra a sua realização na satisfação de cada um”,<sup>3</sup> é o que dá à relação de objeto uma outra coloração que aquela do fantasma, aquela onde o objeto é fantasmado.

Para aquilo que interessa particularmente à psicanálise, em torno do fantasma, e de sua travessia, é suficiente relatar o que diz Patrick Modiano sobre o fim de seu ato de escritura de um romance.

---

2. I. Lacan, *Écrits*, Seuil, 1966, p. 321.

3. *Ibid*, p. 321.

No momento de finalizar a escritura, “o livro testemunha uma certa hostilidade na sua pressa de se libertar de você”. O escritor prova neste instante “um grande vazio” e se sente “abandonado”. Ele sente uma “insatisfação” e o sentimento de algo “incompleto”. E são estes sentimentos de insatisfação e de incompletude da obra produzida que leva o escritor a escrever o livro seguinte para tentar “restabelecer o equilíbrio, sem alcançá-lo”.

Através desta repetição do gesto de escritura do autor, o leitor pode falar de obra, mas o escritor guarda o sentimento de uma fuga e que, sim, o leitor sabe mais do que o autor sobre o seu livro.

Nós ouvimos também o testemunho de que é no final da escrita de uma ficção, no fantasma abundante, que ela produz no seu autor, um fim onde o livro se desprende como uma parte do seu corpo próprio, produzindo um vazio, que é acompanhado de insatisfação e de incompletude, é este vazio que relança o desejo de escrever. Este desejo do escritor que surge deste vazio torna-se o objeto que o causa. O outro, o leitor, divide o autor pela suposição de saber mais do que ele sobre sua ficção.



Compreende-se assim que a sublimação consiste em elevar o objeto-romance à dignidade da Coisa, que é o nome que Lacan, depois de Freud, dá a este vazio, que a pulsão reencontra no esforço de re-encontrar um objeto fundamentalmente perdido. A revolução freudiana se detém historicamente e, até este momento, na descoberta da pulsão que é o eco da palavra no corpo, sem que nenhum objeto possa vir satisfazer plenamente. Este furo na felicidade humana contribui para o mal-estar na nossa cultura, isso que Lacan nomeia como a “não-relação sexual” que faz falta ao gozo do Um e que relança o desejo.

**Em suma, toda experiência subjetiva que se significa pela perda de uma parte do corpo próprio é uma travessia do fantasma, que sustenta a ilusão narcísica do desejo do ser falante.**

Se isto é um progresso importante na cura, a partida não é, no entanto, ganha do lado da repetição disso no qual o sujeito está enredado e que faz sua relação com o Real do inconsciente: ou seja, o gozo.

Esta questão levantada por Lacan nos seus últimos seminários que nós vamos exa-

minar neste livro, para tratar da formação dos analistas hoje, partindo da virada de Lacan no seu último ensinamento à clínica do liberalismo.



**Em suma, toda  
experiência  
subjativa que  
se significa pela  
perda de uma  
parte do corpo  
próprio é uma  
travessia do  
fantasma, que  
sustenta a ilusão  
narcísica do  
desejo do ser  
falante.**

